

A IMIGRAÇÃO DOS EMIGRANTES

A crise econômica global começa a empurrar para casa os brasileiros que foram fazer a vida no exterior. Na bagagem, muitos problemas | *Natalia viana*

A casa da família Okajima, na Vila Nova Cachoeirinha, na zona norte paulistana, nunca esteve tão cheia. Em dois meses, o sobrado onde moravam apenas Hideki e Marie, um casal de meia-idade, passou a abrigar quatro filhas, seus maridos e três crianças. Hideki teve de improvisar, com chapas de madeirite, quartos extras para os novos moradores. Todos eles voltaram do Japão, onde moravam. "É muita gente junta, estamos meio sem espaço, dormindo na sala, na varandinha...", reclama Evelyn Okajima Duarte, 27, que regressou em meados de janeiro, depois que a fábrica onde montava câmeras digitais passou a cortar as horas de trabalho — e o salário. A irmã Agnes veio com ela. Foi demitida da fábrica de cabos elétricos na cidade de Karasuyama, no centro-oeste do Japão. Sem os cerca de 3,5 mil reais que ganhavam, as irmãs tiveram de retornar ao Brasil com os filhos a tiracolo. Deixaram os maridos por lá, ainda empregados — mas não se sabe por quanto tempo. "O sonho de fazer fortuna no Japão acabou", resume Agnes.

Como elas, milhares de brasileiros que partiram para tentar a sorte em países ricos estão regressando. Esse retorno tem uma marca fundamental: a crise econômica mundial. Existem atualmente cerca de 3 milhões de brasileiros vivendo no exterior. Cerca de metade está nos EUA, depois vêm a Europa e o Japão, regiões severamente afetadas pela crise.

Não há números precisos, mas o Ministério das Relações Exteriores confirma que, nos consulados, aumentou a quantidade de brasileiros que querem voltar. "Há indicadores que mostram que está havendo o retorno de um número expressivo de brasileiros por causa da crise", diz o

embaixador Eduardo Gradilone, chefe do Departamento Consular e de Brasileiros no Exterior. "Difícil é saber quantos são." O Itamaraty não mantém controle do número de brasileiros que entram no País. Outro grande problema é que a maioria dos brasileiros nos EUA — principal destino dos emigrantes, com cerca de 1,5 milhão deles — e na Europa — onde vivem cerca de 800 mil — está em situação irregular. Por isso, muitos evitam procurar os serviços consulares. Resultado: o retorno de toda uma geração de emigrantes acaba sendo um fenômeno pouco dimensionado, invisível ao poder público.

NO JAPÃO É DIFERENTE

A grande exceção é o Japão, onde a maioria dos decasségus brasileiros está em situação legal. Hoje vivem lá 330 mil brasileiros que trabalham, na maioria, em fábricas. A situação do país, que viu sua economia encolher fortemente no último trimestre de 2008, os afetou diretamente. Contratados como mão de obra temporária, foram os primeiros a ser dispensados. Há estimativas de que cerca de 40 mil brasileiros estejam sem emprego no país.

Muitos vão parar nas ruas, já que a moradia geralmente é atrelada à empresa que os contrata. "Tem muitas famílias morando debaixo de ponte, dentro de carro, barracas de camping", conta Humberto Simomura, de 29 anos. Ele, que trabalhava em uma fábrica de motores da Suzuki, também chegou a ficar sem teto. "Recebi o aviso prévio em outubro, mas só consegui passagem de volta para o dia 15 de dezembro porque tem muita gente voltando. Tiraram-me do apartamento, tive de ficar na casa da minha irmã." Projetista formado,

Simomura foi para o Japão em 2002 com a meta de juntar 50 mil reais para abrir uma empresa. Mesmo depois de seis anos trabalhando duro, não conseguiu. De volta a São Paulo, desabafa: "Eu me arrependo muito de ter ido".

No Japão, há muitos brasileiros que permanecem em situação precária por não terem como pagar a passagem de volta. A saída é recorrer ao Itamaraty. Neste ano, 30 brasileiros foram repatriados pelo governo, um processo que só é permitido quando o requerente prova que não tem como se sustentar ou pagar a sua passagem. O número é mais que o dobro do total de repatriados no ano passado. "Estamos trabalhando intensamente junto com o governo japonês", diz Gradilone. Um pacote lançado em fevereiro no Japão prevê maior facilidade para os filhos de decasségus ingressarem em escolas públicas, apoio na busca de emprego, treinamento profissionalizante e estabilidade de moradia para os desempregados. "Em último caso, vai haver auxílio ao retorno, que poderá ser feito, inclusive, em cooperação com o Brasil se nenhuma dessas medidas se provar eficaz", diz o funcionário brasileiro.

NOS EUA, TODOS AFETADOS

Na falta de dados concretos, o cenário se repete nos EUA sem qualquer ação do Itamaraty. A crise, que no quarto trimestre do ano passado levou a um encolhimento de 6,2% do Produto Interno Bruto (PIB), tem afetado tanto os imigrantes legais quanto os ilegais, segundo a professora Sueli Siqueira, pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e da Universidade Vale do Rio Doce (Univale).



Evelyn e Agnes Okajima, no Japão: elas agora vivem apertadas na casa dos pais, em São Paulo

Desde 2007, ela entrevistou 398 mineiros da região de Governador Valadares que haviam emigrado para os EUA e retornaram. Desses, 43% voltaram por causa da redução dos ganhos, e outros 37% por causa do medo da deportação. "Há um movimento de retorno mais acentuado e por um fator mais determinado. Por causa da crise, o custo-benefício já não é tão grande. Os ganhos se reduzem. Os que tinham dois, três empregos passam a ter nenhum", diz ela.

Foi o que aconteceu com a paulista Raquel Talacimon, de 33 anos. Depois de nove anos trabalhando como faxineira em Rhode Island, ela viu seu rendimento diminuir rapidamente. "A primeira coisa que afeta é a limpeza. Se a pessoa perde o emprego, corta a faxineira. Eu perdi 20% das minhas casas assim." Por causa da situação, ela voltou em dezembro último. "Todos os brasileiros estavam preocupados. Na comunidade católica que eu frequentava, em dois meses mais 20 voltaram." Ela, que era imigrante ilegal, sentiu também a pressão da nova legislação, mais dura, que dificulta, por exemplo, a renovação da carteira de motorista para os ilegais. "Hoje o imigrante vive continuamente com o medo", resume Sueli.

NA EUROPA, XENOFOBIA

O mesmo medo tem sido companheiro constante dos que vivem na Europa. Concomitantemente à crise econômica, as leis de imigração endureceram no último ano. No ano passado, foi aprovado o novo pacto europeu de migração, que facilita a expulsão de imigrantes ilegais. Neste ano, foi aprovada uma diretiva que penaliza empregadores que contratarem tais imigran-

tes. Na Itália, uma polêmica lei do primeiro-ministro Silvio Berlusconi abre espaço para médicos delatarem pacientes em situação migratória irregular. A mensagem é cada vez mais clara.

Foi exatamente por isso que o goiano Caio César Alves, de 19 anos, resolveu voltar para casa. Com uma identidade portuguesa falsa — pela qual pagou 200 euros —, trabalhou durante dois anos e meio como auxiliar de pedreiro em Paris. "Cheguei a morar com 11 brasileiros que estavam no mesmo esquema. Ganhávamos 1,2 mil euros por mês", conta ele a *Retrata do Brasil* um dia após aterrissar no País. No fim de 2008, em meio a tantas notícias de colegas sendo presos e deportados, decidiu deixar de lado a identidade falsa. Ao mesmo tempo, a crise atingiu em cheio a indústria da construção. "Consegui fazer uns bicos por alguns dias em construções, mas só dava pra comprar o que comer."

O medo de ser mandado de volta tem razão de ser. Desde o início da crise, a França tem aumentado a repressão aos ilegais, e os provenientes do Brasil se tornaram alvos. Isso pode ser constatado no súbito aumento de brasileiros barrados nos aeroportos. Desde outubro, o número dobrou: de oito a dez por dia passou a 16 ou 17, segundo o consulado brasileiro. O fato se repete em outros países europeus, em especial Inglaterra e Espanha, onde os brasileiros são os mais barrados.

Na Espanha, um dos países mais afetados pela crise, os imigrantes estão tendo de competir com a mão de obra local. De malas prontas para voltar ao Brasil, o paulistano Rafael Ziegelmaier tem um per-

fil diferente do da maioria dos imigrantes. O designer tem passaporte espanhol, foi para Barcelona há três anos para cursar mestrado e trabalhava na área de *marketing* de uma empresa que vendia alumínio e sistemas de iluminação. "A empresa vinha mal desde outubro, as vendas caíram muito. No meu departamento havia eu e uma espanhola. Adivinhe quem foi para a rua..."

Em Portugal, 30% dos 180 mil brasileiros no país estão desempregados, segundo levantamento da Organização Internacional de Migrações (OIM), braço da Organização das Nações Unidas (ONU). Já é a principal nacionalidade a participar do programa de retorno voluntário da organização, que financia a volta dos imigrantes. Em 2008, foram 247 brasileiros mandados de volta — mais de 80% do total daqueles que solicitaram o retorno de Portugal —, ante 194 no ano anterior. Os brasileiros também estão retornando em peso de outro país, de migração mais recente, a Irlanda. Em 2008, 246 brasileiros pediram apoio à OIM para voltar ao Brasil — 64% do total. Neste ano, o número já chegou a 216. Aos poucos, o sonho de migrar para a Europa vai tomando contornos de pesadelo.

FIM DO SURTO EMIGRATÓRIO?

Especialistas já veem uma mudança de padrão no fluxo migratório. "A migração é um fenômeno dinâmico. Os controles estão se tornando mais rigorosos em todos os países desenvolvidos, por questões de segurança, da crise econômica, de emprego", diz Gradilone. "Ir ao exterior exige um cuidado maior, documentação, um planejamento mais intenso do que existia antes." Ao mesmo tempo em que esses países rechaçam mais fortemente a mão de obra desqualificada, que forma o grosso dos nossos imigrantes, há uma procura maior por profissionais. "Isso nos preocupa, porque pode ter efeito de atração de talentos e cérebros que pode não coincidir com nossos interesses. Temos de ficar atentos", completa o embaixador.

Para muitos, na incerteza da crise, ainda é cedo para determinar quão profunda vai ser essa mudança de padrão. Mas, para o professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) Duval Fernandes, uma coisa é certa: o fluxo de brasileiros indo para o exterior deve diminuir. "A atração da vida no exterior diminui à medida que diminui a facilidade de

arrumar emprego e obter renda. Ainda há um estoque de brasileiros que vivem lá, mas, se a crise se aprofundar, eles vão ter de retornar", diz.

Sueli Siqueira acredita que "o sonho americano está sendo repensado". Para ela, o fato de que o Brasil tem sofrido menos com a crise é fundamental para determinar uma redução da emigração. "O que move o migrante são condições piores na origem e melhores no destino. Mas agora isso começa a se reverter."

Seja um processo temporário ou permanente, fica a pergunta: Será que o Brasil está preparado para esse retorno? Para Sueli, não. Os retornados são um grupo com características muito específicas devido à sua história de vida e aos impactos que a emigração gera. De certa forma, eles são como estrangeiros em seu próprio País. Por isso, o crescente fenômeno do retorno merece mais atenção das autoridades. "Não existe política pública consolidada para receber esse imigrante que retorna. Existem organizações que tentam dar apoio, mas não há um projeto efetivo para atender a essa demanda."

Urna história comum é a de Evelyn. Quando saiu do Brasil, há oito anos, ela queria juntar dinheiro para poder fazer faculdade. Com o tempo, os planos mudaram.

Hoje, de volta à casa dos pais, sem uma poupança significativa, com uma filha a tiracolo e um marido ainda na terra distante, cabe a ela buscar um emprego. "Estou procurando trabalho como recepcionista, e já mandei alguns currículos." Se tiver sorte, conseguirá uma vaga para ganhar de 500 a 700 reais por mês — o que nem se compara aos 3,5 mil reais que ganhava no Japão. "Mas tem de ficar otimista, né?"

VOLTA DIFÍCIL

Muitos dos que estão retornando enfrentam grandes dificuldades. "A maioria voltou sem um planejamento porque o custo de vida no exterior é altíssimo. Se você não tem recursos, tem de tomar rapidamente a decisão de comprar passagem e vir embora", diz Kiyoharu Miike, da Associação Brasileira de Dekasseguis (ABD), com sede em Curitiba (PR), que atende brasileiros que voltam do Japão. Segundo ele, há dificuldades sérias em se recolocar no mercado de trabalho. "Os emigrantes que retornam são pouco valorizados porque não têm experiência. Estão adequados a uma outra cultura e passaram muito tempo fora, têm um grande buraco no currículo", diz Miike, cuja associação ajuda decasséguis a arrumar emprego ou investir suas poupanças em negócios viáveis.

Segundo Sueli Siqueira, esse é um dos principais problemas enfrentados pelos retornados. Apenas 18% dos entrevistados de Governador Valadares conseguiram voltar com alguma renda fixa. Outros 51% chegaram com dinheiro para investir. Mas, segundo Sueli, 70% deles perderam todas as economias depois de um ou dois anos. "São pessoas que não têm perfil empreendedor, ganharam dinheiro, mas não capital cultural de conhecimento." Outro grande problema é que, para aqueles que voltam, o dinheiro passa a ser um sinal de *status*, uma maneira de se livrar da pecha de "fracassado". Por isso, muitos acabam gastando sem muita necessidade. "O emigrante que pertence à classe média chega lá e vai limpar banheiros. Quando retorna, ele precisa resgatar sua identidade, mas não tem nada para conseguir isso, só & dinheiro."

Além disso, o "choque cultural" muitas vezes gera uma condição psicológica séria. Para o psicanalista Décio Nakagawa, que trabalha com emigrantes retornados, muitas vezes a volta é mais difícil até do que emigrar. "A adaptação é difícil porque muitas vezes o emigrante guarda uma imagem fotográfica de seu país. Quando retorna, o tempo passou, as coisas mudaram e ele perdeu esse processo. Fica difícil se relacionar emocionalmente com isso." Nakagawa chegou a identificar um quadro psicológico que batizou de "síndrome do regresso". Segundo ele, em casos críticos, o retornado desenvolve sintomas como confusão mental e dispersão do pensamento, distanciamento afetivo e tendência autodestrutiva. "Ele abre um negócio suicida, por exemplo, um mercadinho ao lado de um supermercado. Há também, em muitos casos, uma tendência suicida mesmo."

Para Sueli Siqueira, a sensação de fracasso acaba tendo repercussões psicossociais importantes. No caso do seu estudo, a conclusão é que quem sal perdendo é a região de Governador Valadares. "Hoje a região recebe de volta pessoas frustradas, com problemas de saúde, sem perspectivas para o futuro e com uma percepção extremamente negativa do seu local de origem. Esse é um alto preço a se pagar pelas remessas de dólares enviados à região — que com certeza não enriqueceram os emigrantes trabalhadores." Outra certeza é que a região, que tem cerca de 17% de seus habitantes no exterior, não se preparou para o melancólico desfecho da onda migratória. E nem o nosso País.

Simomura (ao centro), ainda no Japão: há muitas famílias morando debaixo de ponte.

